

Feiras da roça: desvelando a agricultura familiar da região metropolitana do Rio de Janeiro

Guilherme Strauch,
Márcio Mattos de Mendonça
Maria Conceição Rosa



Fotos: Arquivo Emater

Diversidade e qualidade dos alimentos: atributos assegurados pela relação direta entre produtor e consumidor

Segundo dados oficiais, 96,7% da população do Estado do Rio de Janeiro reside em áreas urbanas, sendo que 73,2% se encontra na região metropolitana, que apresenta 99,5% de taxa de urbanização. Isso equivale a 11.704.628 habitantes concentrados em 19 municípios, alguns com taxas oficiais de 100% de urbanização, como são os casos de Japeri, Queimados e o próprio Rio de Janeiro.¹ Diante desse quadro, poder-se-ia supor que já não existe atividade agrícola na região. No entanto, o Censo Agropecuário de 2006 indica a existência de 3.764 agricultores familiares², número contestado pela maioria das prefeituras municipais, que os consideram subestimados. Observamos, assim, uma realidade ocultada por trás dos dados oficiais, revelando que a agricultura de caráter familiar permanece presente e ativa em grande parte dos municípios metropolitanos.

Este artigo traça um breve panorama histórico e identifica algumas das características da agricultura familiar da região metropolitana do Rio de Janeiro, ressalta a importância do apoio da Escolinha de Agroecologia ao processo de transição agroecológica na região, destaca as feiras como espaços privilegiados de visibilidade e de valorização dessa agricultura, e conclui apontando alguns dos desafios para a sua permanência e fortalecimento.

Um pouco da história...

A história do crescimento da região metropolitana do Rio de Janeiro está associada à permanência de remanescentes de áreas rurais, inclusive assentamentos de reforma agrária nos municípios de Nova Iguaçu, Japeri, Queimados, Magé, Duque de Caxias e Seropédica. Os movimentos de ocupação de terras organizados para pressionar o assentamento de famílias sem terra na região ocorreram em dois momentos distintos do século passado: os primeiros, no início dos anos 1960, com forte atuação das Ligas Camponesas; os últimos, no início da década de 1980, no contexto da abertura política e da crise econômica que gerou razoáveis índices de desemprego.³ Nesse segundo período, diversos desempregados urbanos, mas de origem rural, vislumbraram no retorno à terra um meio de acesso à moradia e viabilização econômica. Esses movimentos ajudaram a resgatar para a agricultura extensas áreas que teriam sido loteadas em poucos anos e tomadas pela urbanização desordenada. Muitos dos grupos sociais que hoje se destacam nas áreas rurais desses municípios estavam envolvidos nos conflitos de terra dos anos 1960 e anos 1980. São eles que, regularizados em assentamentos rurais ou não, mantêm viva a agricultura de base familiar e se fazem presentes nos espaços públicos reivindicatórios ou propositivos.

Com a intensificação da urbanização, a produção de alimentos perdeu relativamente importância, e muitos agricultores passaram a conjugar a atividade agrícola com outras ocupações, tais como as de pedreiros, ambulantes, prestadores de serviços domésticos, dentre outras, conferindo-lhes uma marcada característica de pluriatividade. Nesse contexto de perda de espaço físico, político e simbólico, a Prefeitura de Nova Iguaçu, no Plano Diretor de 1997, chegou mesmo a desconsiderar a existência de áreas rurais no município, passando a denominá-las de *áreas residenciais de baixa densidade*. Somente em 2007, após intensa pressão realizada pelos movimentos sociais do campo, foram restabelecidas as áreas rurais do município. No entanto, esse reconhecimento oficial não foi acompanhado por investimentos públicos em infraestrutura e geração de renda e emprego para o setor, repetindo o padrão corrente nos demais municípios da região.

A Escolinha de Agroecologia de Nova Iguaçu

Como estratégia de afirmação e reprodução da agricultura familiar na região, a Comissão Pastoral da Terra (CPT) da Baixada Fluminense criou, em 2007,

a Escolinha de Agroecologia em Nova Iguaçu como espaço de educação não formal para agricultores e agricultoras da região. A partir de 2008, o escritório local da Emater-Rio foi incorporado à iniciativa, assumindo sua coordenação pedagógica. Nos anos seguintes, a rede de parcerias se expandiu, envolvendo atualmente a AS-PTA – Agricultura Familiar e Agroecologia e a Comunidade Empenho e Serviço Voluntário (Cisv), além de instituições como a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa Agrobiologia), a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), o Ministério da Agricultura (Mapa), a Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado do Rio de Janeiro (Pesagro-Rio) e a Federação da Pesca do Estado do Rio de Janeiro (Fiperj). Pela Escolinha já passaram cerca de 250 alunos de oito municípios da região metropolitana, entre agricultores, estudantes e ambientalistas. Na Feira da Roça de Queimados, por exemplo, iniciada em 2010, 70% dos agricultores são alunos ou ex-alunos da Escolinha. De forma geral, pode-se dizer que há um resgate positivo em termos de autoestima e identidade rural dos agricultores da região.

Um dos reflexos práticos dessa participação pode ser visualizado na diversificação produtiva das propriedades, inclusive com a aparição de novos produtos nas feiras da roça, tais como ovos caipiras, húmus de minhoca, composto orgânico e o aumento do número de espécies de hortaliças ofertadas. Outra evidência diretamente associada à influência da Escolinha é o fato de que os produtos são apresentados nas feiras como **produzidos sem agrotóxicos, de forma natural**, atendendo à demanda dos consumidores, cada vez mais interessados em manter uma alimentação saudável.

A abrangência da experiência pode ser constatada pela quantidade de comunidades envolvidas e pelo número elevado e constante de alunos inscritos – com uma participação ininterrupta e bastante equilibrada de homens e mulheres. Garante-se, assim, a formação de multiplicadores, aumentando seu impacto e amadurecendo o processo de transição agroecológica ora em curso na região. O efeito multiplicador foi detectado em diversas comunidades nas quais os alunos da

¹ Anuário Estatístico do RJ (Ceperrj), baseado no Censo Demográfico 2010 do IBGE.

² IBGE, Censo da Agricultura Familiar 2006.

³ Nos anos 1960, toda a região foi palco de intensos conflitos de terra e local de atuação das Ligas Camponesas (fazendas Normandia e São Pedro, na atual divisa de Japeri com Nova Iguaçu). Nos anos 1980, foi cenário da retomada de lutas pela terra em todo o estado do Rio (Morro Grande, em Duque de Caxias; Parque Estoril e Campo Alegre, em Nova Iguaçu).



As feiras da roça como mecanismos de aproximação entre a produção e o consumo alimentar nas grandes cidades



sou surpresa naquela população urbana que ignorava a quantidade, a diversidade e a qualidade da produção alimentar local. Para os agricultores, a feira abriu perspectivas de viabilização econômica, ao mesmo tempo em que afirmou sua identidade e aumentou sua autoestima. Outro fator a se destacar é que a produção da agricultura familiar presente na feira resgata hábitos e sabores perdidos com a padronização alimentar imposta pelas grandes redes distribuidoras. Produtos como taioba, ingá, jambo, cajá, carambola, abiu, toranja, laranja-da-terra, ervas medicinais, banana-vinagre, cachopas de urucum, toletes de cana, pitanga e tantos outros, que não são encontrados nas prateleiras dos supermercados, fazem sucesso e recuperam uma cultura alimentar que estava esquecida, além de transformar em renda produtos que o mercado distribuidor dominante descartou por completo.

A aproximação entre os agricultores e os consumidores também tem sido extremamente gratificante, tanto na forma de atendimento como nas informações sobre o preparo e o uso dos produtos que estão à venda. O contato direto entre produtores e clientes estreita laços e cria consumidores fiéis, que valorizam o produto por saberem quem produziu o quê, de que forma produziu e qual a melhor maneira de usufruir o que foi adquirido.

O sucesso da Feira da Roça de Nova Iguaçu, que hoje já conta com 40 integrantes, chamou a atenção de agricultores de municípios vizinhos e, em 2010, os produtores rurais de Queimados iniciaram sua própria feira da roça. Boa parte dos produtos levados inicialmente para a feira foram justamente aqueles que o agricultor não tinha o hábito de comercializar e nem acreditava que isso fosse possível. O bom retorno financeiro da feira deu ao agricultor uma nova visão de sua propriedade e de suas potencialidades, tornando-se um grande incentivo para a busca de um melhor manejo das lavouras e po-



Feiras da roça são também espaços para a revalorização econômica de espécies não encontradas nas grandes cadeias varejistas

mares. Após dois anos de funcionamento da feira de Queimados, é visível o esforço de planejamento da produção que os vinte participantes estão começando a assumir, baseando-se na garantia de venda de seus produtos. A diversidade de produtos também aumentou, e começaram a aparecer barracas com produtos que a maioria dos agricultores não costumava cultivar para venda, como ora-pro-nobis, frutas como toranja e bacupari e diversas ervas medicinais. O sucesso da venda de ovos fez aumentar o plantel de aves no município e, conseqüentemente, a busca por capacitação para essa atividade.

O apoio financeiro recentemente mobilizado por meio de projetos tem estimulado os agricultores a discutirem a gestão coletiva de alguns equipamentos, assim como tem fortalecido o sentido comunitário e as suas organizações de representação.⁵ Em consequência desse estímulo, foi criada, em março de 2011, a Associação da Feira da Roça de Queimados (Aferq) e, poucos meses depois, a Associação da Feira da Roça de Nova Iguaçu (AFERNI). Ambas as organizações incluem membros de diversas comunidades rurais e têm personalidade jurídica para representar o grupo de agricultores que já vinha participando das feiras nesses municípios.

⁵ O estímulo mais recente, tanto para a Aferni quanto para a Aferq, bem como para a Feira da Roça de Japeri, veio por intermédio dos recursos do Ministério do Desenvolvimento Social e do Combate à Fome (MDS) e da Petrobras, por meio de dois projetos com ações de fomento, formação de agricultores, comunicação/identidade visual e de assistência técnica e extensão rural (Ater). Dessa forma, para Nova Iguaçu, foram adquiridas barracas de feira, balanças eletrônicas e um caminhão de quatro toneladas para transporte da produção. Também foram disponibilizados materiais para a realização de cursos de gestão de empreendimentos econômicos solidários e de formação em Agroecologia, além de serviços para a criação de uma identidade visual da associação. Ambos os projetos foram elaborados a partir das demandas reais das organizações dos agricultores e suas representações nos municípios, valorizando também os acúmulos das discussões ocorridas no âmbito da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro sobre temas como Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), Agroecologia, agricultura familiar e comercialização. A execução dos projetos tem sido realizada a partir de um diálogo entre a Emater-Rio – através de seus escritórios de Nova Iguaçu e Magé e também de sua Gerência Estadual de Agroecologia – e a AS-PTA, num sentido de complementaridade de ações, potencializando os recursos disponíveis.

Como efeito multiplicador do sucesso obtido nas feiras de Nova Iguaçu e Queimados, foi criada, em junho de 2011, a Feira da Roça de Japeri, com a participação de 18 famílias de agricultores. Da mesma forma, um grupo de 46 agricultores familiares de várias comunidades de Magé inaugurou a Feira da Agricultura Familiar em julho de 2012, com o apoio da AS-PTA, do escritório local da Emater-Rio e da prefeitura municipal.

As organizações de agricultores criadas ao redor dessas feiras têm expressado a necessidade de estabelecer uma identidade própria que as diferencie das feiras convencionais, ainda populares no Rio de Janeiro, mas que praticamente são dominadas pelos atravessadores, que compram os produtos em mercados atacadistas para revendê-los aos consumidores, sem nenhum compromisso de fortalecimento da produção agrícola local.

Outro aspecto interessante das feiras da roça é que elas se tornaram espaços de troca entre agricultores. De



Feiras como ambientes para reafirmar a identidade e o valor da agricultura familiar

fato, estando reunidos todas as semanas, entre uma venda e outra, conversam sobre tudo: organização, manejo da produção, troca de sementes e mudas, políticas públicas, etc. Ou seja, as feiras são muito mais do que um local de vendas, servindo como espaço de articulação e intercâmbio de saberes e reafirmação cultural. As feiras organizadas pelos agricultores familiares da região metropolitana do Rio de Janeiro são ainda uma expressão da diversidade local, com mais de 40 produtos comercializados ao longo do ano, respeitando os ciclos naturais de cada espécie como um princípio agroecológico.

Perspectivas e desafios

O maior desafio para a permanência desses agricultores nas áreas rurais da região metropolitana do Rio de Janeiro está relacionado aos conflitos oriundos dos impactos gerados pelo constante processo de urbanização, o qual tem sido intensificado nos últimos anos por conta das grandes obras executadas na região no âmbito do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do governo federal, como o Porto de Sepetiba, o Arco Rodoviário Metropolitano e o Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj). Outro fator de enfraquecimento das organizações e redes de apoio é a ausência de políticas públicas municipais destinadas à agricultura familiar, notadamente as voltadas para infraestrutura e fomento, como abertura de estradas vicinais, instalações para centralização e apoio à distribuição de parte da produção agrícola, construção de poços para irrigação das lavouras (uma demanda crítica no caso de Queimados, por exemplo), dentre outras. A execução dessas ações por parte das prefeituras pode minimizar os riscos inerentes à produção agrícola, além de oferecer uma garantia de acesso dessa produção a outros mercados, como os institucionais – o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) –, diversificando e aumentando a renda desses agricultores.

As características inerentes à agricultura familiar da região metropolitana, como a sua grande diversidade e a pluriatividade, desafiam os programas governamentais de apoio à agricultura urbana e periurbana (AUP). As poucas iniciativas existentes, como os editais de AUP do Ministério do Desenvolvimento Social e do Combate à Fome (MDS), têm uma concepção muito distante da realidade da agricultura desenvolvida na região, não respeitando as dinâmicas e as articulações previamente existentes e, dessa forma, desconsiderando todos os atores sociais já envolvidos longamente nesse processo. Um exemplo disso tem sido o direcionamento dos editais do MDS apenas para as instituições governamentais, excluindo as organizações da sociedade civil. Essa percepção errônea de uma política pública de

apoio à AUP dá origem a diversas exigências descabidas na condução dos projetos aprovados e contribui fortemente para o distanciamento entre o Estado e a sociedade civil organizada na implementação de tais políticas.

Ainda que os desafios para a permanência da agricultura familiar sejam muito grandes, o intercâmbio de experiências entre agricultores, assim como entre agricultores e organizações de assessoria, tem se mostrado uma estratégia eficaz de resistência dessas redes sociais voltadas para a construção de um território com presença marcante da agricultura de base ecológica na região. Nesse contexto, o fortalecimento e a ampliação das feiras da roça, das feiras agroecológicas e das feiras da agricultura familiar têm se mostrado um exercício permanente da expressão da importância da agricultura familiar na região. Assim, um aspecto a se avançar é a intensificação da troca de experiências e de materiais, como sementes e mudas, entre as feiras, visando o fortalecimento mútuo, bem como o incremento do protagonismo dos diversos grupos de agricultores familiares participantes dessas experiências.

Guilherme Strauch

gerente técnico de Agroecologia da Emater-Rio
guilherme.coper@emater.rj.gov.br

Márcio Mattos de Mendonça

coordenador do Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA – Agricultura Familiar e Agroecologia urbana@aspta.org.br

Maria Conceição Rosa

extensionista rural da Emater-Rio
eslocni@emater.rj.gov.br

Referências bibliográficas:

- PLOEG, J.D van der. Sete teses sobre a agricultura camponesa. In: PETERSEN, P. (org.) **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro, AS PTA, 2009.
- SCHMITT, C. J. Encurtando o caminho entre a produção e o consumo de alimentos. **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**, v. 8, n. 3, set. 2011.